
O USO DAS CULTURAS E A (RE)CONSTRUÇÃO DAS “IDENTIDADES”: O DISCURSO TURÍSTICO E A FORMAÇÃO DE ESPAÇOS NA REGIÃO DO SERIDÓ NORTE-RIO-GRANDENSE

Cléryston Rafaell Wanderley de Medeiros*
Faculdade Católica Santa Teresinha
Universidade Federal de Campina Grande
prof.rafaellmedeiros@gmail.com

1 NOÇÕES INTRODUZIDAS SOBRE O ROTEIRO SERIDÓ E A QUESTÃO DA “IDENTIDADE” SERIDOENSE

A presente problematização, escrito com certo prazer saudosista, deve-se confessar, tem dupla inspiração. De um lado, nossa memória, ainda permeada com as imagens adquiridas através de observação empírica no processo de formatação e de roteirização turística que culminaria na implantação, pelo poder público estadual do Rio Grande do Norte, da porção espacial denominada oficialmente “Pólo Turístico do Seridó”. De outro, o material de divulgação turística resultante desse processo, o “roteiro” propriamente dito. Nele interessa notar a construção discursiva, realizada através de uma série de repertórios simbólicos – encontrados em diversas fontes –, de uma pretensa “identidade” do povo seridoense e, em consequência disso, dos reflexos desta “identidade” nos lugares habitados por este povo.

A (re)construção desta identidade faz referências aos mais variados aspectos cotidianos vivenciados por este povo: gastronomia, arquitetura, artes, formas de agir, falar, etc. Formas de representações de uma certa “*sertanejidade*”, “*seridoísmos*”. É o que pode ser visto logo nas primeiras páginas do Roteiro Seridó (2005, p. 07), onde, após algumas representações iconográficas de cactos, cercas, pedras e igrejas, faz-se o seguinte relato

* Especialista em Geopolítica e História, pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), com graduação em Licenciatura Plena e Bacharelada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente cursa Pós-Graduação Stricto Sensu em nível de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – que tem como área de concentração “História, Cultura e Sociedade” – na linha de pesquisa “Cultura, Poder e Identidades”. É integrante de corpo docente da Faculdade Católica Santa Teresinha (FCST), onde leciona disciplinas voltadas para os cursos de Turismo e Administração e é Coordenador do Programa de Pesquisa e Extensão e Coordenador do projeto intitulado “Incubadora de Bordados do Seridó”. Tem experiência nas áreas de História, Gestão de Projetos, Turismo e Patrimônio Cultural.

O sertão seridoense, cantado em verso e prosa, abriga uma natureza selvagem e muita beleza, formada por rochas, trilhas, rios, açudes, tanques naturais e vegetações rasteiras. Sertão mítico, de vaqueiros corajosos, que varam a espinhosa vegetação da caatinga em sua roupa-de-couro, em desabaladas carreiras, na ‘pega’ do boi bravo, sem outro equipamento senão suas mãos e sua coragem.

E segue-se, ao longo de todo texto, fazendo-se referências aos atrativos que o turista pode encontrar na região: *sítios arqueológicos, inscrições rupestres, as mais belas paisagens*, tudo somado a beleza do *artesanato*, do *bordado*, da “*cultura sacra que inspira a fé do sertanejo*” e da “*culinária de dar água na boca*”. Segundo Santos, tal discurso atua seguindo uma lógica de produção de sentidos pelo turismo, criando “conotações de *tipicidade e autenticidade* – construídas a partir dos lugares, do artesanato, das pessoas, de suas vestimentas e das gastronomias” (2005, p. 03-04), onde os homens são vistos como “*tipos*”, onde a essência do “ser” seridoense só pode ser apreendida por meio de série de representações, expressas, no caso de um roteiro turístico, tanto pelo poder do discurso quanto pelas imagens – fotográficas ou pictóricas – que condensam as identidades atribuídas a esse povo tipificado.

Os *tipos seridoenses*, pode-se notar, remetem-nos mais especificamente ao processo de colonização do interior do Estado por meio da pecuária – atividade que também, ao seu tempo, criou e transmutou inumeráveis espaços, o que pode, inclusive, ser constatado nos topônimos da região: como no caso da cidade de *Currais Novos*. Nesse sentido, são bastante comuns as representações de tudo que se relacione a uma cultura luso-brasileira eminentemente pecuarista. Os lugares, são “*únicos no mundo*”, espaços habitados pelos vaqueiros e pelo sertanejo típico, as fazendas, os currais, os mercados, as igrejas, a caatinga, os rios (em época de seca ou de inverno), mas também lugares habitados por seus predecessores, os povos indígenas pré-históricos, povos que já detinham a essência da “*identidade seridoense*” mesmo antes de esta existir, os “*proto-seridoenses*” – invocando uma licença poética para a criação deste neologismo em nada desmedido.

O Seridó abriga a caatinga, bioma *único no mundo*, exclusivamente brasileiro. A caatinga é um tipo de formação vegetal com características bem definidas: árvores baixas e arbustos que, em geral, perdem as folhas na estação das secas. Ao caírem as primeiras chuvas no início do ano, a caatinga perde seu aspecto rude e torna-se rapidamente verde e florida. Na caatinga seridoense, estão importantes sítios arqueológicos, sinais inequívocos de uma *cultura ancestral*, [...] os indígenas chamavam ‘itacoatiara’ as pedras com

letreiros, desenhos, riscos e figuras geométricas encontradas nas rochas e cavernas do sertão. (ROTEIRO..., 2005, p. 18, grifos nossos)

As artes são o bordado, a música marcial e o repente, a arquitetura colonial, a missa e as imagens sacras. As pessoas são representadas por figuras híbridas, que são, ao mesmo tempo, homens comuns, homens ordinários exercendo a vida por meio de uma série de estratégias de navegação social, e artistas – são as bordadeiras, os cantadores os padres e até mesmo os vaqueiros, que transitam com desenvoltura e rapidez por meio da caatinga como se esta nem estivesse lá, “quebrando jurema nos peitos”, exercendo uma das mais importantes artes, a vaquejada.

A cultura está bem presente no dia-a-dia dos seridoenses. Na arquitetura de suas igrejas e sobrados e nas casas antigas das fazendas; em seus museus, que guardam relíquias referentes aos ciclos econômicos vividos pela região: da pecuária, da mineração e do algodão; na rica coleção de obras sacras, que podem ser encontradas nas igrejas e nas residências. A musicalidade é outro traço cultural inconfundível do seridoense. A região é um celeiro de bandas de música. A arte de bordar nesta região do Rio Grande do Norte é sinônimo da imaginação e da pureza criativa das mulheres que vivem no mundo rural. [...] O bordado e a renda são o espelho da alma de quem os executa, buscando inspiração na natureza de contrastes, agreste ou suave, tons garridos e leves do sertão. (ROTEIRO..., 2005, p. 19)

A gastronomia é formada, de um lado, por comidas rudes, pesadas e gordurosas, com pouco ou nenhum requinte e com técnicas de preparo complicadas, que exigem uma sabedoria, por muitas vezes herdada, do cozinheiro: como a buchada de bode, o arroz de leite, a carne-de-sol, os queijos de manteiga ou coalho, a fritada com cabeça de carneiro, a cachaça e tantas outras que levaria um livro inteiro para relatar. Por outro lado, também faz-se referência a biscoitinhos e docinhos leves, de preparo razoavelmente fácil e ingredientes comuns, frutos de uma tradicional influência portuguesa

Sua culinária sempre foi pujante e marcante, criando fama em todo o país. Da tradicional carne-de-sol aos famosos queijos de coalho e manteiga, passando pelos bolos e biscoitos artesanais, a gastronomia seridoense deixa qualquer um de água na boca. A influência do povoamento pelos portugueses não poderia deixar de consolidar e perpetuar, na região, costumes tradicionais relacionados à cozinha e culinária que se expressam, na sua maior plenitude, na produção artesanal de bolos, biscoitos e licores típicos. O cafezinho da tarde, acompanhado de biscoitinhos e outras guloseimas, e uma tradição arraigada na região. Os nomes são os mais variados, como tarequinhos, sequilhos de goma de mandioca e raiva, biscoitinhos de preparo simples à base de açúcar, amido de mandioca, margarina, ovos e leite de coco. As boleiras (aquelas que fazem bolos e, por extensão, biscoitos) detêm o segredo

do que denominam localmente de 'iscas', através de receitas que vêm sendo passadas de geração a geração. (ROTEIRO..., 2005, p. 19)

Note-se a reincidência de um importante caráter em todos os relatos anteriores, um caráter liminar, híbrido, que aparece recorrentemente. Percebe-se que, dentro do discurso turístico, a identidade do seridoense gira sempre em torno de uma certa liminaridade, termo caro à antropologia que se relaciona aos chamados ritos de passagem.

2 HIBRIDISMO CULTURAL E “IDENTIDADES” LIMINARIDADES

Nas ciências sociais, notoriamente a antropologia e a sociologia, o termo *liminaridade* é caracterizado por uma relativa e temporária indefinição da situação de um indivíduo ou grupo, que antecede ou acompanha sua passagem a uma nova categoria ou posição social (MATTA, 2000, *passim*).

A idéia de hibridação cultural são amplamente discutidas por diversos teóricos, um dentre os mais aceitos pela academia nos países latino-americanos, mais ainda pouco conhecido no Brasil, é Néstor Garcia Canclini. Tais processos nos servem de evidência da complexidade das sociedades, pois mostram que alguns conceitos, tidos por muitos anos como prontos e acabados, na verdade carecem de maior reflexão – como o conceito de identidade, por exemplo, que, repensado a partir dos processos de hibridação, traz a tona a necessidade de re-significar as sociedades estudadas de uma forma a levar em consideração suas auto-representações.

Entende-se por hibridação os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p. XIX). Este fenômeno se configura através de um constante movimento trânsito, no qual as culturas são constantemente re-significadas por influência de outras formas, estruturas ou práticas. Ou seja, a hibridação cultural se dá de forma cíclica. Nesse sentido, uma determinada prática, por exemplo, que poderíamos considerar mais heterogênea, ou híbrida, passaria a outra mais homogênea e, mais uma vez através de influências exteriores, estranhas a ela, ou mesmo espontaneamente, passaria a outra “relativamente mais heterogênea”, sem que em nenhum momento deste ciclo uma destas formas fosse “pura” ou “plenamente

homogênea”. Seja de formas culturais, simbólicas ou econômicas, partindo de setores hegemônicos ou populares, todo este ciclo baseia-se em diversas estratégias de “reconversão” (CANCLINI, 2008).

A idéia de reconversão é utilizada por diversos autores (como Stuart Hall, Michel de Certeau e o próprio Néstor Garcia Canclini), com maior ou menor profundidade, e serve para explicar as estratégias através das quais os indivíduos ou grupos sociais subvertem a outras produções culturais, convertendo-as em algo novo, em benefício de si próprios ou de sua comunidade.

Nesse sentido defende-se a idéia de que a “identidade seridoense”, dentro do discurso turístico, é uma *identidade liminar*, ou *híbrida*: a natureza é formada por uma vegetação que, em certas épocas, é acinzentada e, em outras, é esverdeada. Os seridoenses teriam uma dupla descendência: de um lado os indígenas, que os deixaram como herança a prova de sua descendência de uma civilização “antiquíssima”, por meio dos vestígios de sua existência, as pinturas rupestres; de outro, uma legado histórico/sanguíneo/cultural que remonta a chegada e colonização dos espaços pelos portugueses.

Os homens, por sua vez, são figuras híbridas que ao mesmo tempo expressam a rusticidade do sertanejo e a sensibilidade dos artesãos, dos músicos, das bordadeiras; a culinária gira também ambigualmente entre as comidas tradicionais e rudes e as requintadas e leves receitas legadas por uma influência européia.

É como se os *tipos* seridoenses emergissem com uma certa periodicidade, de forma cíclica, tal qual ocorre com os ciclos das secas, que não apenas transformam drasticamente e dramaticamente a paisagem do Seridó norte-rio-grandense, mas também os homens que lá habitam. Características ambíguas que abordaremos mais a frente.

Estas imagens do turismo para a cultura do Seridó representam uma dupla funcionalidade: de um lado, servem para reforçar a identidade seridoense, como vimos uma identidade já difundida e incorporada pelo povo desta região. O que está em perfeita harmonia com as mais recentes teorias do turismo pós-moderno, que defende a sustentabilidade não só a nível natural, mas também cultural. Nesse sentido, procura-se enfocar as identidades culturais pré-existentes, ou seja, a “sertanejidade”. Obviamente, é notório que esta atitude de reforço de uma identidade vem sendo usada sistematicamente, ao menos nos momentos de introdução do discurso defensor da

atividade turística, como uma forma de economia de tempo e verbas por parte das instâncias envolvidas mais diretamente com este processo, principalmente com estratégias de marketing.

Por outro lado, concentram-se esforços na venda do destino por meio de uma identificação deste com esta tal sertanejidade, uma identidade característica que, sabe-se, funcionou perfeitamente em outros destinos turísticos. Mas agora, convertendo esta “sertanejidade” em “*seridoísmo*”, aproveitando-se inclusive uma das características mais fortes deste seridoense tipificado, a resistência à introdução de outros discursos externos, de influências alienígenas, a chamada *geografia de resistência*:

Neste processo, é possível que os dispositivos da resistência tenham adquirido maior visibilidade no cenário da economia, através da projeção da identidade seridoense nos *produtos da terra* como carne-de-sol, manteiga da terra ou do sertão, queijo de coalho, queijo de manteiga, bordados, entre outros. O diferencial qualitativo destes produtos se define nas entrelinhas de um *saber-fazer* que mescla arte, tradição e inovação, evidenciando que a carga histórica não foi consumida pelo tempo e nem pelas adversidades. (MORAIS, 2005, p.315).

Nesse momento, há de se dar maior visibilidade as duas principais categorias abordadas por Santos, a *essência* e sua *representação conotada*. Na reflexão de Santos, a *essência* diz respeito ao recorte espacial tal qual ele é na “realidade” – o que, sabemos, é inapreensível. No nosso caso, este recorte espacial é o Seridó, e tudo que traduz o que possa ser seridoense, como o bordado e a religiosidade, é a sua *representação conotada*, a visão que foi apreendida e difundida, objetivando principalmente a venda desse espaço como um produto turístico. Parafraseando Santos, a “seridoensidade” não é o Seridó, é a essência condensada de tudo que possa ser seridoense (2005, p. 04). Eis que o Seridó enquanto espaço turístico, enquanto pólo turístico, surgiu e é atribuído de novos significados.

Recorrendo aos materiais de divulgação turística do Seridó podemos encontrar vestígios dos enunciados que atribuem significados aos lugares, transformando-os, por vezes, como é comum no processo de apropriação dos espaços pelo setor turístico. Ocorre que esta interferência, muitas vezes arbitrária, nos lugares nem sempre é bem recebida pela população que vivencia as transformações provocadas. Há de se considerar que:

Os lugares turísticos, seus espaços, as práticas que neles se desenvolvem, as experiências que neles são vividas, os artefatos culturais tangíveis que neles são criados e/ou vendidos, entre muitas outras dimensões, só podem ser dotados de inteligibilidade quando apreendidos a partir do contexto cultural no qual estão inseridos. (SANTOS, 2005, p. 02).

Quando não se leva em consideração este contexto cultural, mesmo sabendo-se que o turismo tem o poder de extrapolar as fronteiras dos espaços, mesmo sabendo que aquele povo, entre outras questões, pode sofrer uma série de “influências alienígenas”, podem ocorrer fenômenos bastante peculiares, correndo-se o risco, inclusive, da descaracterização de culturas.

É o que ocorreu na cidade de Caicó que teve uma parcela de seus espaços reformulados pelo poder público com o intuito de melhor acomodar a atividade turística. Um desses espaços transmutados pelo/para o turismo na região é a *Ilha de Sant’Ana*, em Caicó, (re)criada para se tornar um dos chamados complexos turísticos da região, espaços que congregam toda uma infra-estrutura turística. Ocorre que a Ilha de Sant’Ana, enquanto acidente geográfico, é um *lugar* “pré-turístico”, que a muito ocupa um posto de destaque na memória coletiva dos caicoenses, é nas imediações desta ilha que se localiza o *Poço de Sant’Ana*, palco do mito criador da cidade.

Uma dentre as várias histórias que a oralidade conserva é que a lendária tribo dos Caiacós se considerava invencível devido ao auxílio de seu Deus “Tupã”, que se encontrava encarnado no corpo de um “touro bravo” que habitava em um mofumbal da região. Foi quando um vaqueiro desavisado, à procura de uma novilha perdida, adentrou no mofumbal, encontrando-se com a perigosa fera, que não tarda em atacá-lo ferozmente. Então o vaqueiro, como último recurso, apela a sua santa de devoção, Sant’Ana, prometendo-lhe construir uma capela em sua homenagem se esta o salvasse do perigo. E logo o pedido é atendido e o espírito de Tupã é expulso do touro, transformando-se em uma serpente gigante que logo se refugiou em um poço próximo dali – que posteriormente passou a ser conhecido por “Poço de Sant’Ana” –, mas não sem antes lançar uma maldição na qual ela retornaria para destruir a cidade caso o poço secasse, ou mesmo se o rio transbordasse a ponto de suas águas atingirem o altar-mor da igreja matriz.

Perceba-se a importância patente deste *lugar* para a memória do povo de Caicó. Tal lenda, indissolivelmente agregada ao espaço da Ilha, configura-se como uma das

mais importantes referências culturais da cidade.

E é nesta ilha também que se localiza a *Capelinha de São Sebastião*, santo de devoção da população em épocas de grandes dificuldades, protetor contra a fome, a peste e a guerra.

Chamo de *lugar* pois ambos – a Ilha, a Capela e o Poço –, além de serem considerados pontos turísticos da cidade, têm as três características essenciais identificadas por Marc Auge: eles pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos [...] correspondem para cada um a um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social (2004, p. 52).

Aparentemente a construção do complexo turístico foi tomada como uma afronta por parte de uma certa parcela da população, seja porque estes espaços tiveram que passar por um processo de revitalização – uma transformação tão intensa que descaracterizou os espaços ao ponto de o Poço de Sant’Ana chegar próximo ao total desaparecimento, ficando quase que completamente assoreado – seja porque o acesso a eles passou a ser controlado, e agora a ilha só é “aberta” em dias especiais, nos grandes eventos, como carnaval, festa de Sant’Ana, festivais gastronômicos ou outros eventos componentes do *calendário turístico* da cidade.

Estas mudanças não passaram despercebidas aos olhos dos caicoenses, o que provocou grande revolta, chegando-se ao ponto de se dizer que as águas do Rio Seridó iriam “levar” a ilha consigo na primeira enchente, ou que a ilha iria “afundar”, em alusão a antiga maldição cataclísmica da serpente gigante que habitaria o Poço.

Percebemos a existência de um conflito entre duas categorias, a “identidade regionalista” atribuída por uma elite política ao longo de vários anos e incorporada pelo seridoense, representada pelo tradicional, pelo tradicionalismo personificado tanto na força das águas e das intempéries da natureza, às quais o sertanejo seridoense teve que se submeter ao longo dos séculos, quanto nos lugares “profanados”, e o moderno, representado pelo complexo Ilha de Sant’Ana, obra arquitetônica, espaço turístico. Ora, os *lugares antropológicos* que se destacam na memória coletiva do povo seridoense – a Ilha Sant’Ana, a Capelinha de São Sebastião e o Poço de Sant’Ana – lhes foram, de certa forma, usurpados nesse processo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nova atividade, utilizando-se de uma série de estratégias que transfiguram a cultura local, introduzindo novas referências identitárias, desta feita moldadas por influências externas, alienígenas. Estas novas referências baseiam-se em um mercado turístico internacional, em estratégias de marketing e venda do destino, em fluxos globais de pessoas, enfim, em uma cultura global. Ou seja, Seridó passa a ser “mundializado”. Não porque sua identidade deixou de existir, mas porque se transfigurou, se transmutou. E com a transformação das identidades e dos referenciais culturais percebemos fenômenos bastante peculiares, que nos levam a algumas reflexões, servindo muito mais como uma problematização, uma inquietação e a indicação de possíveis temáticas de estudos, do que como uma conclusão da problemática proposta nesta pesquisa.

Uma vez que as fronteiras do lugar Seridó se expandem, ganhando visibilidade e influências globais, a cultura do Seridó passa a sofrer um constante e incessante processo de re-significação, movimento irreversível. Ou seja, ocorre uma descaracterização da cultura e da identidade local. Contraditoriamente, a representação conotada do *ser seridoense*, da *seridoensidade*, para o discurso turístico nunca mudará, porque a peculiaridade cultural do Seridó é justamente o principal produto de venda do destino turístico em questão. E sem toda esta sorte de referências culturais que foram abordadas ao longo da presente pesquisa a atividade turística dificilmente persistiria na região.

Enfim, a atividade turística na região do Seridó, dita “globalizada e globalizante”, cria um movimento ambíguo e irreversível, no qual ao mesmo tempo em que se transmutam as culturas, as identidades e os lugares, se atribui, pelas pressões do turismo de massas, uma representação imagética estanque à estas mesmas categorias, cristalizando-as. Nesse sentido, aos olhos do mundo, também ocorre uma cristalização desta dita *seridoensidade*, que em sua essência estaria em constante processo de transmutação.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 4.ed. Campinas: Papirus, 2004.

CANCLINE, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008. (Ensaio Latino-Americanos, 1).

MATTA, Roberto da. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*, [S.l.] n. 1, v. 6, abr. 2000.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência*. Caicó: [s.n.], 2005.

ROTEIRO Seridó. Natal: SEBRAE, 2005.

SANTOS, Rafael José dos. Imagens do turismo, culturas e lugares híbridos em Gramado e Canela, RS: In. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.